

Discurso e intercurso polifônicos: fronteiras de gênero para arrecadamento lírico em Machado de Assis — do poema ao romance.¹

Pedro Henrique Couto Torres (Universidade de Brasília)

Se a prosa de Machado de Assis representou ponto elevadíssimo e equilibrado da ficção brasileira no século XIX, a poesia do mesmo figurou como um ponto mediano. Da poesia até a prosa não houve no escritor carioca um caminho nivelado. O romancista excepcional sobrepuja o lírico modesto, que é escamoteado e entendido como algo *menor* diante de um criador superior e maestro prosaístico. São decisivas as palavras de Manuel Bandeira: “[...]Machado de Assis poeta tornou-se uma vítima de Machado de Assis prosador.” (BANDEIRA, 2006, p. 11).

Contudo, com relativa dissonância às palavras bandeirianas, pretendemos viabilizar ao longo do presente trabalho nosso ponto de vista de que vários dos aspectos da poesia de Machado de Assis, arrecadados e amadurecidos ao longo dos anos, reverberam na sua prosa e, além disso, transfiguram-se em aspectos temáticos e técnicos de sua narração no romance. Se Machado prosador tornou-se o que é, parte relevante disso deve-se a sua produção em todos os campos literários: poesia, teatro, crítica literária, crítica teatral, crônica etc.

Obnubilar a produção lírica desse escritor (que publicou 5 livros de poesia em vida) é subestimar sua primeira forma de expressão literária, a qual sem dúvida significa algo para a compreensão e entendimento maiores de sua literatura. A trajetória artística do escritor carioca tem precedentes reveladores na poesia. Assim anota Mario Curvello:

Machado de Assis encontrou na poesia a primeira forma para a manifestação de sua arte. Foi ela também que despertou a atenção do público para o artista. Ele jamais a abandonou. A poesia está presente em todo o momento em que ele se revela o escritor genial. (CURVELLO, 1982, p. 477).

Os estudos dedicados a Machado poeta, numericamente mais tímidos do que as discussões concernentes a sua ficção, também vítimas do prosador, enfrentam ainda uma edição problemática do conjunto lírico. Como aponta Curvello (1982), quase oitenta por cento da lírica machadiana não foi publicada em livro. Apenas em 1901 deu-se uma grande compilação dos poemas do Bruxo do Cosme Velho: “[...]Tendo-se em conta o livro como embalagem e registro de produto intelectual, *Poesias completas* (1901) representa a versão definitiva, e oficial do próprio Machado de Assis, poeta, que, como tal, só retornará ao livro com o soneto ‘À Carolina’.” (*idem, ibidem*, p. 477). As *Poesias completas*, contudo, sofreram significativas mudanças de seus precedentes originais:

Dos 28 poemas da primeira edição de *Crisálidas* (1864), 12 restaram em 1901. A taxa de exclusão baixaria no *Falenas*: dos 36 em 1870, ficaram 26; da coletânea original de *Americanas* (1875), apenas um, dos treze poemas, “Cantiga do rosto branco”, foi retirado. Dados factuais e expressivos da complexidade do artista Machado de Assis, constituindo uma base para tentar reconhecer os princípios que guiaram a definição de sua poesia, ou melhor, de seu desenvolvimento lírico, até 1901. (*idem, ibidem*, p. 477).

¹ Artigo orientado pelo prof. dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior (TEL/UnB)

A crítica machadiana convencionalmente divide a literatura do autor em dois momentos distintos que têm por eixo a sua produção romanesca (deixe-se claro: romanesca!) — *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em livro em 1881, é o romance que traz Machado para um outro plano da literatura, seja aquele do Romantismo ao Realismo literário (embora tal concepção seja passível de reflexão²), ou de maneira mais ampla, aquele de uma novelística brasileira particularmente nova. Citemos Afrânio Coutinho:

Não há querer negar a existência de diferenças na estética do escritor antes e depois das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Não há esconder, outrossim, que ele viveu uma crise na década de 1870, entre os 30 e os 40 anos. Nessa etapa entre os anos de 1869 e 1879 foi que se deu a confluência de fatores que determinaram a fixação de sua fisionomia espiritual e estética. (COUTINHO, 2006, p. 25).

Da década de 60 a de 70, conforme apontado por Coutinho, deu-se em Machado de Assis uma fixação de ordem espiritual e estética. Mesmo que um elemento biográfico esteja ressaltado aqui, marca da crítica deste período, é interessante notar que tal afirmação seja compartilhada também por outros estudiosos da obra do escritor. É importante notar que o livro do defunto autor é tomado pela história e crítica literária brasileiras como o maior dos paradigmas machadianos.

Propomo-nos agora revisar parte desta sincronia literária de Machado de Assis a partir da visão de alguns estudiosos machadianos, trazendo seus pontos gerais sobre a literatura do Bruxo do Cosme Velho, a fim de equacionar e estabelecer uma coerência entre a produção lírica machadiana com o seu célebre romance de 1881.

Tal coerência doravante será por nós denominada “arrecadamento lírico”, justamente pela ideia de *recado*, mensagem etc.

1. 1 O AMADURECIMENTO PROGRESSIVO

Afrânio Coutinho fala da produção machadiana em termos de um *amadurecimento progressivo*. Para o crítico, não se cinde repentinamente o Machado realista do Machado romântico. “[...]Não há ruptura brusca entre as duas fases. É mais justo afirmar que uma pressupõe a outra, e por ela foi preparada. Há, antes, continuidade. E, se existe diferença, não há oposição, mas sim desabrochamento, amadurecimento.” (COUTINHO, 2006, p. 26). Na justeza de uma avaliação equilibrada, temos em Coutinho um caminho crítico que pressupõe a maturação de uma literatura:

[...]O desenvolvimento de Machado de Assis é um longo processo de maturação, ao longo do qual vai acumulando experiência e fixando vivências, que gerarão seu credo espiritual e estético e sua concepção técnica. Nada disso resultou de uma modificação súbita nem por geração espontânea no espírito do escritor, mas de transformação lenta em zonas profundas e obscuras, na intimidade das fontes vitais. (*ibidem*, p. 26).

Para Coutinho (2006), nos primeiros romances de Machado de Assis encontram-se em germe os recursos técnicos e estilísticos posteriormente desenvolvidos e apurados

2 O trabalho de José Aderaldo Castello (2008), *Realidade e ilusão em Machado de Assis*, é notável exemplo de reflexão acerca da literatura machadiana entendida para além da escola realista do século XIX.

pelo escritor. “[...]Assim ocorre com a introspecção, com o desenvolvimento alinear da intriga, com o monólogo interior (em *Ressurreição*), o espírito de análise e a penetração psicológica. *Ressurreição* é, dos seus primeiros livros, o que mais possui o ar de modernidade [...]” (*ibidem*, p. 26). A maturação machadiana é fruto de longo e paulatino trabalho.

Certo vezo brasileiro de encarar o artista como um produto espontâneo e precoce não dá lugar para se compreender que a arte é a resultante de longa paciência, de esforço continuado de pesquisa, estudo, reflexão. Machado de Assis é um exemplo disso. Sua maneira não surgiu abruptamente, desde o início, na juventude virgem. Foi o produto da experiência acumulada, do estudo e trato dos grandes modelos, da obediência às regras e às disciplinas do ofício. Seu progresso foi constante e ascensional. (*ibidem*, p. 26).

Dados a paciência, esforço continuado e estudo que Machado de Assis empregava, realizou-se um autêntico progresso estético (“constante e ascensional”) em sua obra. Tanto que, para Afrânio Coutinho, é possível mapear uma conscientização do trabalho literário machadiano ainda na década de 60 e 70. “O trabalho de conscientização técnica na arte de Machado de Assis, processado lentamente, é perfeitamente perceptível se observarmos a sua evolução seguindo a cronologia de suas publicações.” (*ibidem*, p. 27). Seguiremos essa sincronia cronológica a partir de outros pontos de vista.

1.2 O SALTO QUALITATIVO

Da concepção da clara divisão provocada pelas *Memórias Póstumas*, Alfredo Bosi também é partidário. Chega a falar em uma revolução após a publicação desse livro. Para Bosi (2004), quando Machado assumiu nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* outra perspectiva de narração, na verdade delegou ao narrador desse romance uma exibição destemida de cinismo e indiferença, inaugurando um novo paradigma ideológico-formal na literatura brasileira oitocentista — deu-se aí o *salto qualitativo*. Anota Bosi acerca das *Memórias*:

[...] A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas. (*ibidem*, p. 177).

Para Bosi, entre 1878 e 1880, pôde-se notar o salto qualitativo concretizado a partir das *Memórias Póstumas*. Já na prosa machadiana era notável uma transformação qualitativa, nomeadamente nos contos “Um cão de lata ao rabo”, “Filosofia de um par de botas” e “Elogio da Vaidade”. Para o crítico de Machado, já figurava no autor carioca o tom galhofeiro e uma psicologia/filosofia nos moldes morais de autores como, por exemplo, La Bruyère.

Entretanto, para nós interessa mormente o que Alfredo Bosi discute acerca da produção poética de Machado, sobretudo sobre a poesia do livro *Ocidentais* (com poemas já publicados no fim da década de 70)³. Assim escreve:

[...] Enfim, a passagem de uma fase a outra entende-se ainda melhor quando lidos alguns poemas das *Ocidentais*, já parnasianos pelo sóbrio do tom e pela preferência dada às formas fixas: em “Uma Criatura”, em “Mundo Interior” e no célebre “Círculo Vicioso”, uma linguagem composta e fatigada serve à expressão de um pessimismo cósmico que toca Schopenhauer e Leopardi pelo retorno ao mito da Natureza madrasta (imagem central no “Delírio” de Brás Cubas)” (*ibidem*, p. 178).

Os poemas citados por Bosi aproximam-se do conjunto temático que Machado de Assis deixaria por legado definitivo de sua literatura. O pessimismo schopenhaueriano e a percepção leopordiana da natureza madrasta mais tarde seriam transfigurados nas delicadas filigranas romanescas de Machado prosador. Parece então, portanto, que a passagem de uma fase a outra é de fato melhor entendida “quando lidos alguns poemas das *Ocidentais*” (*ibidem*, p. 178). São mencionados pelo estudioso, em especial, além dos acima, os poemas “O Desfecho”, “*Suavi Mari Magno*” e “A mosca azul”. Todos esses estariam literariamente bastante próximos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Foi esse o espírito com que Machado se acercou da matéria que iria plasmar nos romances e contos da maturidade: um permanente alerta para que nada de piegas, nada de enfático, nada de idealizante se pusesse entre o criador e as criaturas. O manejo do distanciamento abre-se nas *Memórias Póstumas* que, pela riqueza de técnicas experimentadas, ficou sendo uma espécie de breviário das possibilidades narrativas do seu novo modo de conhecer o mundo. (*ibidem*, p. 180).

No livro *O ser e o tempo da poesia*, Bosi dedica um trecho em que se discute a poesia leopordiana e sua concepção de natureza. O crítico menciona (e compara) Machado a Leopardi.

A Natureza ignora os desejos e os medos do homem. Ela é aquela figura terrível, porque indiferente, que Leopardi esculpiu no “Diálogo da Natureza com um Islandês”, e que Machado de Assis iria retrair no delírio de Brás Cubas: Mulher e Enigma, só atenta ao seu perene produzir-se e destruir-se e reproduzir-se.

O olho do poeta-narrador vê o deserto. A memória traz a imagem de civilizações destruídas. A consciência se pergunta sobre o sentido da visão e das lembranças; e responde pela certeza de que a sorte do homem é precária. Daí, a ironia voltada contra os que exaltam o próprio século “soberbo e tolo”, e falam, boquirrotos, dos “destinos magníficos e progressivos” que esperam o gênero humano. Apelar para os deuses é coisa fútil e covarde, pois a Natureza é para o homem apenas o reino do acaso. Resta ao coração sentir a

³ Aproveitaremos a sugestão crítica de Alfredo Bosi sobre a lírica machadiana dos poemas de *Ocidentais* na medida em que ela servirá de base para a explicação de nossa reflexão da literatura machadiana pré-1881 e nosso problema quanto a sua suposta interferência decisiva no salto de qualidade que se operou em Machado de Assis. Por ora, basta o justo desenvolvimento crítico de Alfredo Bosi no que concerne à cronologia literária lírica e prosaística de Machado de Assis.

angústia do aniquilamento que a fumaça do monte não cessa de anunciar. Pensar é, também para Leopardi, aprender a morrer. (*idem*, 1977, p. 188).

No modo de conhecer o mundo, fatigado e melancólico, surge o plasmar maduro de uma mundividência pessimista. Os rumos da literatura brasileira do final do século XIX se equilibram em torno da literatura machadiana. “O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis.” (*ibidem*, p. 174). É entretanto, arriscamos dizer, a prosa madura que não prescindiu do recado e arrecadamento de uma poesia jovem e iniciante. Dos poemas de *Ocidentais* já constava a trajetória machadiana que o encaminhou para o cânone literário brasileiro.

3

Amadurecimento progressivo e salto qualitativo se fazem presentes na perspectiva de dois críticos literários trazidos nas seções acima. Sensivelmente diferente é a concepção de Manuel Bandeira que, por mais crítico literário de alto nível que fora, é acima de tudo um lírico: “É um perigo para o poeta assinalar-se fortemente nos domínios da prosa. Entra ele nesse caso numa competência muito mais ingrata que a dos seus confrades: a competência consigo próprio” (BANDEIRA, 2006, p. 11).

Seguindo este raciocínio é que Manuel Bandeira afirma que Machado de Assis poeta foi vítima de Machado de Assis prosador: “[...] Certamente a obra do romancista e do cronista distancia enormemente a do poeta.” (*ibidem*, p. 11). Entretanto, completa:

[...]Advirta-se, porém, que há nas *Ocidentais* uma dúzia de poemas **que têm a mesma excelente qualidade dos seus melhores contos e romances**: “O Desfecho”, “Círculo Vicioso”, “Uma Criatura”, “A Artur de Oliveira Enfermo”, “Mundo Interior”, a tradução de “O Corvo”, “*Suave Mari Magno*”, “A Mosca Azul”, “Spinoza”, “Soneto de Natal” e “No Alto”, aos quais se pode juntar o soneto a Carolina. (*ibidem*, p. 11). (grifo nosso).

Embora adepto da ideia de que o poeta é vítima de Machado prosador, Bandeira reconhece um alto nível estético na produção de poemas das *Ocidentais*: “Foi mesmo em alguns desses poemas , e especialmente em “Uma Criatura” que se anunciou o pessimismo irônico e o estilo nu e seco, toda a filosofia e toda a técnica da segunda fase do escritor.” (*ibidem*, p. 11). O poeta acrescenta:

Machado de Assis teve também o seu “estalo” por volta de 79 (foi o ano em que apareceram na *Revista Brasileira* as primeiras *Ocidentais*). Se o Mestre tivesse desaparecido depois da publicação de *Iaiá Garcia*, em 78, teria deixado uma obra em que a poesia e a prosa se equilibram no mesmo nível de mediocridade. Mas aos quarenta anos veio o “estalo”. Às *Ocidentais* seguiram-se *As Memórias Póstumas de Brás Cubas* (81), *Papéis Avulsos* (82)... (*ibidem*, p. 11).

Como lembra o poeta pernambucano, Machado poeta estreou-se em livro aos 25 anos, no ano de 1864, com as *Crisálidas*. Machado de Assis compunha um grupo de jovens que frequentavam a casa de Caetano Filgueiras para tertúlias e recitais de poesia: “[...]Todos se foram para a morte, ainda na flor da idade e, exceto Casimiro de Abreu, nenhum se salvou”. (ASSIS *apud* BANDEIRA, 2006, p. 11). Isto é o que disse o próprio Machado a respeito do mesmo grupo de jovens poetas. Para Bandeira (*ibidem*, p. 12), não fossem as *Ocidentais*, ele “[...]não se salvaria também, nem com essas *Crisálidas*, nem com as *Falenas* (70), nem com as *Americanas* (75).” Houve um estalo,

algo que beirou provavelmente a genialidade instantânea e brusca de uma ruptura paradigmática.

Para Bandeira, a poesia machadiana de *Crisálidas* e *Falenas* não se destacou daquela de seu tempo — a não ser por “[...]um certo comedimento sentimental, que era inato no homem [Machado de Assis].” (*ibidem*, p. 12). No primeiro livro de poemas de Machado, nota-se influências de poetas românticos como, por exemplo, Casimiro de Abreu. Inclusive Machado se apropria de um poema daquele e escreve um poema intitulado “Sinhá”, que segue, além dos heptassílabos originais de Casimiro, o mesmo verso “do canto do sabiá.” Machado de Assis, para Bandeira, segue modismos românticos na sua lírica:

Tanto em *Crisálidas* como em *Falenas* pagou o poeta um tributo frouxo às preocupações sociais, ao ideal da liberdade, “esposa do porvir, noiva do sol”, como diria depois Castro Alves. Cantou, como quase todos os românticos, o seu “Epitáfio do México”, e o seu hino à Polônia desmembrada. (*ibidem*, p. 12).

Aos assuntos naturais descritivos já se afirmou que Machado de Assis não empregava tratamento vigoroso. Entretanto, a face da poesia romântica machadiana, como pode se esperar de um romântico, acessa o natural. Bandeira afirma que “[...]a natureza não era uma página branca para o poeta [Machado de Assis].” (*ibidem*, p. 13). E acrescenta ainda: “[...]Lembra-me tê-lo ouvido, quando eu era um rapazola, falar comovidamente em um certo crepúsculo na baía de Guanabara. O seu sentimento de deleitação na natureza está de resto atestado pelas suas poesias românticas, onde a nota descritiva é frequente.” (*ibidem*, p. 13).

O que se deu é que por volta dos quarenta anos, aquele *mundo interior* de que ele fala num poema das *Ocidentais* absorveu por completo os seus dons de artista: “mundo mais vasto, armado de outro orgulho.” E foi o mistério desse mundo que cada um de nós traz dentro de si o que lhe forneceu a inspiração da sua obra em prosa e das melhores coisas das *Ocidentais*. A universal insatisfação dos seres eternamente presos à sua condição (“Círculo Vicioso”), a paradoxal força de destruição da vida (“Uma Criatura”), o riso do deus enfermo, aborrecido da divindade e da eternidade (“A Artur de Oliveira enfermo”), o gozo de ver o padecimento alheio (“*Suave Mari Magno*”), a ânsia de descobrir a verdade sob as aparências do mundo, de ver “como em água que deixa o fundo descoberto” os segredos dos corações (“A Mosca Azul”), a melancolia de não encontrar mais numa noite de Natal as sensações da idade antiga (“Sonetos de Natal”), a melancolia da velhice (“No Alto”), eis os temas que cristalizaram as melhores energias poéticas do Mestre. São os mesmos temas das suas obras-primas no romance e no conto. A vida dos seus semelhantes lhe fornecia maior variedade de gestos com que exprimir as dolorosas conclusões da sua análise implacável. (*ibidem*, p. 14).

Os temas que figurariam na prosa já se faziam presentes na poesia das *Ocidentais*. A amarga filosofia machadiana já se deixava rastrear na própria lírica do grande escritor. Embora Bandeira fale, em vez de uma maturação, de estalo, há o reconhecimento da produção de Machado como poeta. Mais tarde pretendemos redimensionar a lírica machadiana e viabilizar a hipótese nossa de que a própria poesia mais anterior de Machado (*Crisálidas* e *Falenas*, em especial) já possuíam um recado importante para a prosa machadiana.

1.4 DE MACHADINHO AO BRUXO DO COSME VELHO — CONVERSÃO

Em “De Machadinho a Brás Cubas” (2006), Meyer discorre de maneira distinta das assinaladas anteriormente: pode-se falar em uma conversão de Machadinho, o escritor romântico apegado a modismos e convenções, a Machado, o bruxo do Cosme Velho, senhor de uma literatura mestra e virtuosa nas qualidades narrativas. Na análise de Meyer, entra em jogo o ontem e o hoje, respectivamente representados por “Machadinho” e “Machado”, cabendo as fantasias do devir que está sendo e ainda não se fez por inteiro. É uma conversão psicológica que se direciona literariamente para níveis de criação e estágios estéticos de súbita transformação: “[...]Mas que microscopia imaginativa poderia acompanhar os estádios sucessivos, as mutações sutis de uma gestação psicológica, manifestada de súbito sob a forma de conversão?” (*ibidem*, p. 409).

O dilema basilar de Meyer é “[...] levar em conta estes dois aspectos essenciais da questão: se de um lado não se concebem as *Memórias póstumas* senão como produto de uma longa gestação, [...], de outro lado, [...] o seu desabrochamento brusco.” (*ibidem*, p. 409). Para Meyer, então, temos que, de qualquer maneira, a década de 70 se mostra decisiva para essa conversão machadiana (seja ela maturada progressivamente ou subitamente desabrochada):

Se o crítico pudesse espiar para dentro de Machado, naquele momento da grande transfiguração, de outubro de 1878 a março de 1879, quando além do mais convalesce de grave doença, veria decerto “uma cousa estranha, uma figura má”; era o parto de um novo Machado, uma conversão às avessas. Há conversões de vária natureza; do ponto de vista canônico, a de Machado só pode ser interpretada como o avesso de uma conversão edificante, uma crise de sentido eversivo. Ele mesmo, para explicar a mudança que se operou de *Helena* a *Brás Cubas*, declarou certa vez a Mário de Alencar que se modificara porque perdera todas as ilusões sobre os homens. (*ibidem*, p. 410).

Destarte, a transfiguração conversional machadiana é já evidente poucos anos antes da publicação de *Brás Cubas*. O que parece indiscutível é a mudança de postura perante as análises psicológicas e sociais (desde *Helena* já notável). Como apontado por Meyer, o próprio Machado teria confessado a Mário de Alencar que sua própria literatura se modificara por conta de *ilusões perdidas* sobre os homens — a descrença graciosa e sarcástica então advém na obra do escritor: “[...]Logo sentimos, nas admiráveis páginas iniciais de *Brás Cubas*, o movimento de um desabafo, a confiança inteira e desatada, o sarcasmo, a agilidade humorística, o cinismo temperado de graça.” (*ibidem*, p. 411). Meyer elabora a ideia da conversão:

[...]A conversão de Machado à descrença envolve a afirmação de outra forma de crença: a da força criadora de seu gênio, que então esfrega os olhos, acorda, sacode as ruminções de uma longa apatia, o torpor do medíocre Machadinho, tão comedido e bem-comportado até então, verdadeiro prêmio de virtude. Naqueles seis meses, precipitou-se uma conversão à ironia livre; Machado de Assis, de si para si, chegou decerto à convicção de que, para criar em verdade e vida, devia obedecer sem restrições ao imperativo de expansão plena que dentro dele reclamava os mais desafogados direitos de ousadia. [...] Para despistar, prega no alto da página, quando da primeira versão, a da *Revista Brasileira*, as melancólicas palavras de Jaques, em *As*

you like it: "I will chide no breather in the world but myself; against whom I know most faults". E traduz: Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em quem descubro muitos senões (MEYER, 2006, p. 411).

Na conversão, Machadinho dá lugar a outro Machado, Machado, que evoca a sua volta presenças e vozes literárias canônicas de altíssimo valor cultural. A tradução de Shakespeare que constava do folhetim das *Memórias Póstumas*, da *Revista Brasileira*, é reveladora na medida em que sintetiza um projeto literário largamente apoiado num tom fleumático e de negativas de senões, como exposto no último capítulo do livro triunfal de Machado.

O triunfo, entretanto, é acompanhado previamente pela publicação de poemas. O romance *Brás Cubas* é de 81, sua versão folhетinesca é de 80... em 79, saem os poemas que compuseram as *Ocidentais*, parnasianos na forma, e de tom literário mais familiar aos romances ditos de segunda fase. As forças machadianas, antes entorpecidas, despertam para um discurso literário distinto:

Nada mais comovente que esse despertar de forças adormecidas, manifestado de súbito, em verso e prosa, naqueles primeiros meses de 1880. Em 15 de janeiro, publica na *Revista Brasileira* os poemas: "Uma criatura", "A mosca azul", "O desfecho", "Spinoza", "*Suave mari magno...*" e "No alto". Todo o espírito das *Memórias póstumas* já se configura nesse punhado de poemas. "Uma criatura" parece uma versão metrificada, e sem dúvida muito menos poética, do tema de Natureza ou Pandora, no capítulo "O delírio"; em "O desfecho", revela-se a mesma visão trágica e o mesmo desfilar dos séculos que aparecerão no mesmo "O delírio", dois meses depois; em "*Suave, mari magno...*" (sic), que faz pensar no Baudelaire de *Une charogne*, sentimos o vertiginoso e amargo Machado, atraído tantas vezes pelo espetáculo da crueldade e a dois passos do sadismo; e muito mais que na importuna "Mosca azul", com seu zumbido parnasiano, é no misterioso e fascinante "No alto" que podemos entrever a velada confissão da crise. Prefiro transcrevê-los em sua impureza original, sem as correções posteriores, quando saiu em volume, pois nada me parece mais expressivo, como verdade áspera, que aquela "...cara estranha,/ Dura, terrena e má", da primeira quadra, abrandada mais tarde:

O poeta chegara ao alto da montanha
E quando ia a descer a vertente do oeste,
Viu uma cara estranha,
Dura, terrena e má.

Então, volvendo o olhar ao subtil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
Ou bem como se fosse
Um pensamento vão,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta
Para descer a encosta
O outro estendeu-lhe a mão. (*ibidem*, p. 411).

Talvez seja “No alto” o poema mais intrigante da carreira poética de Machado de Assis. Um soneto parnasiano que anuncia a trajetória romanesca a ser iniciada em *Memórias Póstumas* e, sinteticamente, transmite o recado e legado lírico dos seus outros poemas (mesmo os de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, talvez não tão expressivo nesse último projeto indianista). A partir da primeira estrofe, já nas alturas elevadas (imagem tão cara — quase obsessiva na poesia machadiana) o eu-lírico (“poeta”) depara-se com uma estranha e má figura que lhe estende a mão para descer a encosta da montanha e... levá-lo aos rumos da prosa romanesca: a mais marcante realização de Machado de Assis.

1.5 RECADO LÍRICO CONSCIENTE NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

A incursão lírica de Machado de Assis foi trajetória importante para compor as tensões articuladas pela sua prosa literária. O legado lírico e seu recado ao qual nos referimos é a possibilidade de uma diálogo literário interno que, consciente da literatura brasileira feita à época, integra-se a uma dialética de um projeto literário pessoal (Machado como escritor) e de um projeto literário pertencente a um sistema⁴ (Machado como parte de uma tradição literária brasileira):

Exatamente por não inserir, por razões metodológicas, a produção romântica de Machado de Assis, dentro da linha orgânica, como aliás, Machado se apresenta em sua monumental *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, o Prof. Antonio Candido, involuntariamente, acaba nos chamando a atenção para a posição excêntrica da poesia de Machado no contexto literário do Romantismo. (CURVELLO, 1982, p. 479).

Pensamos, sobretudo, em um projeto organicamente coerente que, vem a ser enriquecido a partir de outros gêneros literários — é a pesquisa lírica que, segundo Antonio Candido, desembocaria no romance brasileiro:

[...]De Cláudio Manuel a Gonçalves Dias, e sobretudo a Álvares de Azevedo e Casimiro, a poesia vai-se despojando de muito do que é comemoração, doutrina, debate, diálogo, para concentrar-se em torno da pesquisa lírica. Lírica no sentido mais restrito de manifestação puramente pessoal, de estado d’alma, sob a égide do sentimento, mais que da inteligência ou do engenho. Esta longa aventura da criação, que virá terminar no balbucio quase impalpável de alguns modernos – os *Poemas da negra*, de Mário de Andrade, *A estrela da manhã*, de Manuel Bandeira – corresponde ao próprio trabalho interno da evolução poética, especializando-se cada vez mais e largando um rico lastro novelístico, retórico e didático, que foi enriquecer outros gêneros, sobretudo o gênero novo e triunfante do romance, que na literatura brasileira é produto do Romantismo e desta divisão do trabalho literário. (CANDIDO, 2009, p. 343).

Sendo assim, é razoável pensar no intercuro entre diferenciados gêneros literários. “O desenvolvimento da poesia de Machado de Assis tem a mesma linha

⁴ Entretanto, Antonio Candido não situa Machado de Assis em sua suposta fase romântica no *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*: “[...] Outra falha me parece, agora, a exclusão do Machado de Assis romântico no estudo da ficção, que não quis empreender, como se verá, para não seccionar uma obra cuja unidade é cada vez mais patente aos estudiosos.” (CANDIDO, 2009, p. 14).”

ascensorial de seus outros gêneros e se articula de modo específico com a organicidade do conjunto de sua produção, sendo uma de suas engrenagens.” (CURVELLO, *ibidem*, p. 477).

Que Machado de Assis foi romancista excepcional, isto não se discute. A ficção foi seu fastígio — contudo, não esqueçamos do poeta que houve. O autor em questão escreveu poemas que, com efeito, revelam e desvelam sentido a sua prosa e sobretudo mostram-se coerentes a um projeto literário maior. Ainda que reconheçamos no romance de Machado de Assis sua expressão maior, este não deve obnubilar traços importantes de sua poesia que, embora não reconhecida como de elevadíssimo grau, faz parte da produção artística de um grande escritor. É uma poesia ofuscada pela sua própria prosa que, com efeito, tem seu sentido revelador e se mostra coerente dentro do projeto literário machadiano.

O discurso da prosa machadiana, particularmente o de sua ficção romanesca, é de grande polivalência literária — a riqueza de sentidos da literatura de Machado de Assis possibilita que os mais variados grupos, em momentos históricos diversos, encontrem discussões e problematizações de suas vicissitudes humanas e de suas contradições culturais. A obra de Machado tem “sobretudo a possibilidade de ser reinterpretada à medida que o tempo passa, porque, tendo uma dimensão profunda de universalidade, funciona como se dirigisse a cada época que surge.” (CANDIDO, 2007, p. 65).

Aquele discurso da prosa, contudo, não prescinde de um diálogo com outros gêneros literários. Uma perene revelação do homem e sua construção artístico-social manifesta-se na arte deste autor que, em um movimento orgânico e coerente, cruza as vozes do passado com as do presente e fazem seus ecos se propagarem: é o trabalho crítico e autoconsciente da própria produção literária que, vária de sentido, forma e significado, permite ininterruptamente encontrar níveis diferentes de análise e motivos diversos de interesse.

Assumindo a literatura como representação e instância da vida, Machado de Assis montou um palco e “encarou os gêneros como cenário, que se transforma em cada peça.” (CURVELLO, 1982, p. 485). Para Curvello (1982), as concepções de Machado evoluem com a reflexão sobre a natureza dos gêneros, o seu destino, as suas especificidades e o contexto em que atuam. Isto quer dizer que o romancista consagrado prescindiu também, por exemplo, da exploração de gêneros não-prosaicos: o teatro e a poesia fizeram constantemente parte do amadurecimento progressivo de sua literatura, sendo esta de nosso interesse.

Já se disse que Machado de Assis jamais abandonou a poesia. Essa se faz “presente em todo o momento em que ele se revela o escritor genial” (CURVELLO, *ibidem*, p. 477). Reveladores são os aspectos da poesia de Machado que transfiguraram-se e incorporaram-se ao conjunto de sua prosa romanesca, agregando o conjunto de temas tidos como mais cultivados pelo autor, como por exemplo, pessimismo, melancolia etc.

A presença machadiana no Brasil surge lírica. Concretiza-se, entretanto, através do romance. O discurso do romance machadiano permite à literatura oitocentista brasileira uma dimensão até então jamais realizada. O escritor brasileiro Machado de Assis possibilitou uma discussão *brasileira* pela primeira vez universal das problemáticas do homem (inclusive antecipando diversas tendências literárias praticadas no século XX).

A lírica machadiana da década de 70, em particular, já pressentia um conjunto

que lhe foi caro nos romances mais maduros e significativos de sua carreira artística. O Bruxo escreveu poemas que, com efeito, revelam e desvelam sentido a sua prosa e sobretudo mostram-se coerentes a um projeto literário maior. Reiteramos: ainda que reconheçamos no romance de Machado de Assis sua expressão maior, este não deve obnubilar traços importantes de sua poesia que, embora não reconhecida como de elevadíssimo grau, faz parte da produção artística de um grande escritor.

O arrecadamento lírico machadiano deu-se para, afinal, converter-se em um recado importante no romance, tecido de vozes diversas e plurais (ainda que para alguns pareça uma tessitura unívoca). O poeta ficara no alto da montanha (*Ocidentais*) e agora, na prosa, articula uma incursão dialógica nas formas e expressões literárias. O poeta virou prosador: é aí que polemiza-se e se transfigura o uso dos gêneros literários. As *Ocidentais* são o melhor exemplo para se validar a ideia de que o valor estético da literatura machadiana se deu orgânica e responsivamente: dos livros anteriores até este, houve um roteiro de autoconsciência e percepção aguda do próprio trabalho que traduz-se em uma prosa de vozes que *continuam a falar* até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Poesias Completas**: Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/ INL, 1976.

_____. **Obra completa**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

_____. **Obra completa**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: _____. ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOSI, Alfredo *et al.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004.

_____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos 1750-1880. 12.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP/Ouro sobre Azul, 2009.

CASTELLO, José Aderaldo. **Realidade e ilusão em Machado de Assis**. 2. ed. Cotia: Ateliê editorial, 2008.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis na literatura brasileira. In: _____. **Obra completa**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

CURVELLO, Mario. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, Alfredo *et al.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

MEYER, Augusto. De Machadinho a Brás Cubs. **Teresa – revista de Literatura Brasileira**. São Paulo, n. 6/7, p. 409 – 417, 2006.